NHEENGATU TAPAJOWARA

Livro do "Projeto de Extensão Curso de Nheengatu UFOPA/GCI"

2ª Edição

Santarém - Pará
2016

Missão Central dos Franciscanos (MZF), em 2016.

Convento São Francisco - Av. São Sebastião, 517 - Bairro Santa Clara
CEP 68005-090 - Santarém, PA.
email: csbened@hotmail.com

Tiragem desta edição: 5.000 exemplares

N576
Nheengatu Tapajowara/ Florêncio Almeida Vaz Filho e Antônio Fernandes Góes Neto (edit.). - Santarém: SELO Gráfica Editora, 2016.
76p.; il.
ISBN 978-85-65791-20-5

Obra que reúne artigos construídos de forma colaborativa, este volume apresenta variedade de textos em língua nheengatu estando parte deles acompanhada de tradução em português.

1.Tupi – Guarani- Gramática. 2. Índios -Língua. 3. Índios Borari. 4. Índios - Arapiuns. 5.Índios Munduruku. 6.Índios -Tupinambá. I. Vaz Filho, Florêncio Almeida, coord.II. Góes Neto, Antonio Fernandes, edit.III. Título.

CDD: 23 ed. 498.5

Bibliotecário - Documentalista: Creuza Andréa Santos – CRB/2 135

NHEENGATU TAPAJOWARA

Livro do "Projeto de Extensão Curso de Nheengatu UFOPA/GCI"

2ª Edição

ISBN 978-85-65791-20-5

Santarém - Pará
2016

Este livro foi impresso com o apoio da Missão Central dos Franciscanos (MZF), em 2016.

Editores
Florêncio Almeida Vaz Filho
Antônio Fernandes Góes Neto

Fotos e Ilustrações
Katia Patrícia dos Santos (Capa)
Leandro Mahalem Lima
Yara Amaral Gurgel Fulniô
Yatap Santos
Alunos dos cursos de nheengatu

Design e Diagramação
Camila de Lima Gervaz

Revisão
Camila de Lima Gervaz
Antonio Fernandes Góes Neto
Florêncio Almeida Vaz Filho
João Paulo Ribeiro
Maria Silva Cintra Martins
Renato da Silva Fonseca

Impressão
SELO - Gráfica e Editora

Apoio
Associação Frades Menores na Amazônia/Custódia São Benedito da Amazônia
Conselho Indígena Tapajós Arapiuns (CITA)
Grupo Consciência Indígena (GCI)
Diretoria de Ações Afirmativas (DAA/PROGES/UFOPA)
Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (PEPCA/ICS/UFOPA)

Autores

Alzira Sousa Guimarães
Amado de Oliveira Serrão Filho
Anne Mikelle Cardoso dos Santos
Antonio Fernandes Góes Neto
Bernadete de Melo Tupinambá
Carlos Antonio Pereira Nascimento
Cauã Nobrega da Cruz
Civalda Ferreira Sousa
Civaldo Imbiriba Rodrigues
Cleilsa Mota Alves
Daciel da Gama
Daniela dos Santos Américo
Diemeson Andrei Caetano dos Santos
Elícia Pereira de Sousa
Enaldo Colares
Fernanda dos Santos
Florêncio Almeida Vaz Filho
Irlane Castro Feitosa
Joaneide Maria dos Santos Tapajós
João Antônio Tapajós
Joel Costa Lopes
Joelder Tapajós Pereira
Josiel Pereira de Sousa Bentes
Josiele Guimarães de Sousa
Josielma Alves Cardoso
Leilane Sousa Guimarães
Lourdes Ferreira Sousa
Marcela Fernanda de Jesus Oliveira
Marcos José Vieira Queiroz
Maria Luciléia Tapajós de Deus
Marinalba Pedroso Serrão
Milton Anselmo Amaral Castro
Nelson Barroso da Costa
Orleidiane Reges Cardoso
Rosiene Ferreira Nunes
Rosilda Ferreira Nunes
Silmare Azevedo Ferreira
Tatiane Castro Feitosa

Endereços para correspondências:
Convento São Francisco - Av. São Sebastião, 517 - Bairro Santa Clara
68005-090 Santarém, PA.
email: csbened@hotmail.com

Introdução: sobre a produção de materiais bilíngues e a importância da língua nheengatu na região de Santarém

O momento atual confronta-nos com grandes desafios que herdamos do século XX. Entre eles estão a continuidade na luta pela garantia efetiva dos direitos indígenas já estabelecidos na letra da Constituição de 1988, em conjunto com a lei 11.645/08, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos indígenas em todas as escolas públicas e particulares brasileiras, ou seja, nas escolas de aldeia, mas não apenas nelas.

No Grupo de Pesquisa LEETRA, na Universidade Federal de São Carlos, temos nos voltado à realização de ações que buscam corresponder a esses e a outros desafios na pesquisa voltada a produção de livros bilíngues para utilização na educação de aldeia, mas também nas escolas regulares. Em 2014, juntando esforços com professores e educadores do Alto Rio Negro (AM), publicamos edição especial da Revista LEETRA Indígena, com lições progressivas para a aprendizagem da língua nheengatu; já o volume 16 da mesma Revista LEETRA Indígena, que pode ser encontrada online (www.leetra.ufscar.br), comportou outra edição especial, com mais elementos da língua nheengatu, dentro de uma proposta que foi construída em conjunto com professores de Santarém/PA no ano de 2015. Finalmente, esta proposta ganha agora nova edição, com alguns acertos feitos como resultado de diálogo no curso de nheengatu ocorrido em Santarém em Janeiro de 2016.

No caso de materiais didáticos bilíngues como Yẽgatú/Português e agora Nheengatu Tapajoara, vemos na sua utilização em sala de aula diversos destaques para o trabalho pedagógico:

1. Contribuem para a implementação da lei 11.645/08;

2. seja na Educação Indígena Diferenciada, seja nas escolas regulares, de toda forma muitas vezes os próprios professores não possuem todo o conhecimento das línguas indígenas, já que elas se encontram em processo de revitalização e a existência de livros didáticos bilíngues pode contribuir – e muito – para sua redescoberta por todos, tanto pelos professores, quanto pelos alunos;

3. de forma simples e didática, este volume apresenta elementos de cultura indígena, daquilo que constitui o patrimônio imaterial desses povos, neste caso de professores indígenas de Santarém que vêm reconhecendo na língua nheengatu uma forma de reencontro com sua identidade indígena.

É interessante relatar para quem não pertence à região de Santarém, e vai também ter contato com esta revista, que nesta cidade do noroeste do estado do Pará, onde este material foi produzido, existem diferentes comunidades indígenas cujas línguas encontram-se extintas ou possuem poucos falantes, de tal maneira que parte da população ribeirinha, antes denominada cabocla, ao passar a reconhecer sua identidade indígena, vê na língua nheengatu uma forma de resgate de sua indigeneidade. Ali, como em algumas outras regiões brasileiras, o nheengatu possui funcionamento linguístico de língua franca, dentro de uma situação multilíngue especial.

Como editora da Revista LEETRA Indígena, guardo por este volume um carinho especial, já que pude acompanhar parte de sua produção em minha breve passagem por Santarém em Janeiro de 2015. É muito gratificante ver agora o trabalho em sua forma mais acabada, em belíssima edição ilustrada e provida de grafismos tão especiais.

Construído de forma colaborativa, este volume apresenta grande variedade de textos em língua nheengatu estando parte deles acompanhada da tradução em português: relatos históricos, letras de música, receitas culinárias típicas, narrativas, um mapa da região, e até o hino nacional brasileiro, tudo acompanhado, de forma didática, de uma série de exercícios para a aprendizagem dessa língua encantadora, que traz em sí uma mistura de outras línguas.

Novamente desejo a professores, gestores, alunos das escolas de aldeia e das escolas regulares um bom trabalho. Que se divirtam enquanto aprendem mais e mais sobre este país enorme e diverso ao qual temos o privilégio de pertencer!

Professora Maria Silvia Cintra Martins – Grupo de Pesquisa LEETRA - UFSCar

SUMÁRIO

1. Dedicatória 9
2. Apresentação/Mukameesáwa 10
3. A história do começo como nossos avós nos contaram / Kwá yupirungawaita umbeubeusáwa mayé yané ariaitá tá umbeú 13
4. A cabanagem começou aqui / Kwá kabanagem uyupirú iké! 16
5. Vamos fazer piracaia? / Yasuã yamunhã pirakaya? 22
6. Cobra Grande / Buyawasú 27
7. Danças e Festas / Murasi 41
8. Territórios / Tetamaitá 48
9. Pinturas / Kwatiaraita 58
- Hino Nacional / nheengatu rupi 67
- Glossário / Nheengaitá 69

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro, pioneiro na região do baixo rio Tapajós, aos nossos antepassados indígenas que tanto lutaram contra a dominação colonial e que resistiram, para que continuássemos hoje vivendo neste chão. Ele é dedicado também aos parentes que começaram a reorganizar o Movimento Indígena na região no final dos anos 90, através do Grupo Consciência Indígena (GCI) e do Conselho Indígena dos rios Tapajós e Arapiuns (CITA). GCI e CITA, que até hoje lideram nossas lutas vitoriosas, mostraram que os povos indígenas não estavam extintos na região, como se falava até então.

Registramos aqui um profundo agradecimento aos primeiros professores indígenas de Nheengatu que vieram do rio Negro, no Amazonas, para iniciar o que chamamos de "resgate da nossa língua": Dona Celina Cadena Baré, Alberto (Beto) Baniwa e Vitor Cecílio Baniwa. E mais recentemente, a partir de 2014, vieram os professores Cláudio Mura (do rio Madeira), Agripino Neto Baré, Edilson Melgueiro Baniwa, Miguel Carlos Piloto Baniwa e Maria Bidoca Bitencourt Castro Baniwa. Já temos um longo e pisado caminho entre o rio Negro e o rio Tapajós, e foram vocês, parentes, que ajudaram a abrir a picada.

De outra direção do país vieram os professores ligados ao Grupo de Pesquisa LEETRA, Antonio Neto, Patrícia Veiga, Camila Gervaz, Renato Fonseca, Eduardo Carlini e Natalia Freire Bellentani. Lembramos especialmente a boa vontade da Profa. Maria Silvia Cintra Martins (UFSCar), Coordenadora do LEETRA, que nos proporcionou a publicação da 1ª edição deste livro, em 2015.

Dedicar este livro a todos vocês é agradecer a generosidade da sua colaboração no nosso processo de aprendizado.

Ofertamos também este livro, como um fruto fresco e saboroso, aos estudantes do Curso de Nheengatu (UFOPA/GCI), em Santarém, que, ao mesmo tempo em que aprendiam, foram produzindo este livro e o CD de músicas em Nheengatu.

Aqui estão suas mãos, sua autonomia criativa e suas pegadas, que ficarão para a história e ninguém poderá apagar. Vocês são os autores de fato deste livro. Por fim, agradecemos a todos nossos apoiadores que estiveram ao nosso lado ao longo destes últimos 20 anos de luta. São muitos e muitas pessoas, entidades e instituições: Ministério Público Federal (MPF), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Diretoria de Ações Afirmativas/Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Radio Rural de Santarém (Diocese de Santarém) etc.

De modo particular não podemos deixar de agradecer a ajuda decisiva que temos recebido da Custódia Franciscana São Benedito da Amazônia, desde os primeiros momentos da reorganização indígena. Seja no trabalho dedicado dos freis franciscanos, seja na garantia dos espaços onde CITA e GCI tem funcionado até hoje, ou ainda na publicação deste livro que agora o leitor tem nas mãos, não nos faltou o apoio dos frades franciscanos.

Obrigado!

Prof. Frei Florêncio Almeida Vaz Filho

MUKAMEESÁWA

Yandé yepé mukui makú mirasáwa, yaviveri waá puyepé pumukui tendawaitá, paranã Tapajos wara, Pará upé. Aité kwá mirasawaitá usikári waá tá rikusawaitá kwá demarkasao tá tetamaitá rupí. Yaikú táwaita Santarém, Aveiro, asuí Belterra upé. Mimi, bua yane anama uviveri kwaitá paranã puranga retana upé, yaseruka waá Tapajós, Arapiuns, Maiká, Maró yuíri. Tá uviveri kwaita paranã rimbíwa upé.

Yepe yepé tá mirasáwa yara, Mundurukú, asuí Apiaká yawé, tá uikú Planalto Santareno upé. Amuitá, mayé kwaitá Arapiun, Tapajó, Tupayú, Jaraki, Arara Vermelha yuíri, upitá paranã Arapiuns upé, i rimbíwa upé. Paranã tapajós rimbíwa upé, aikwé Tupinambá, Kumaruwara, asuí Borari. Paranã Maró rimbíwa upé, aikwé Arapiun, Borari yuíri. Belterra upé, upitá mirasáwa Mundurukú. Asuí, Aveiro upé, upitá Maitapú, Kara Preta yuíri.

Yawé waá rupi, yaikú yatirika xinga, ma yamuatíri arã demarkasao rupí, saúde rupí, asuí yepé edukasão amurupí. Yepé yepé mirasáwa, asuí yepé yepé tendáwa uviveri i mayesáwa. Yepé yepé mirasawa urikú i kitiwara. Mayé maã: mirasáwa Arapiun paranã Arapiuns wara amurupí xinga mirasáwa Arapiun paranã Maró wara suí, nhansé tá urikú tendawaitá amurupí. Mirasáwa Mundurukú Planalto Santareno wara, tá uviveri amurupí Mundurkú Belterra wara suí.

Kuité, yandé anamaitá, yandé yepewasú, nhansé yandé iwí manha imbira. Yandé Tupã imbira, paya yandé, asuí manha yandé waá. Maresé, mairamé yasú yamaramunha, yasú muatíri yawé, mayé yepé nhúntu mirasáwa yawé.

APRESENTAÇÃO

Somos 12 povos indígenas que vivemos nas 67 aldeias do baixo Tapajós, noroeste do Estado do Pará, nos municípios de Aveiro, Belterra e Santarém. São estes povos que reivindicam a demarcação de seus territórios ancestrais. Aqui, a maioria dos nossos parentes vive às margens dos belíssimos rios Tapajós, Arapiuns, Maró e Maiká.

Alguns desses povos como os Munduruku e Apiaka encontram-se no Planalto Santareno; outros como os Arapiun, Tapajó, Tupayú, Jaraki e Arara Vermelha, vivem às margem do rio Arapiuns. Às margens do rio Maró temos os Arapiun e Borari. No rio Tapajós estão os Tupinambá, Kumaruwara, Borari, Munduruku, Maytapu e Cara Preta.

Como se vê, estamos espalhados, porém unidos em prol dos nossos objetivos, como a demarcação dos territórios, saúde e educação diferenciada. Nossos modos de viver são diferenciados por aldeias.

Cada povo tem seus costumes e sua cultura. Por exemplo, os Arapium do Arapiuns são um pouco diferentes dos Arapium do rio Maró, em termos de organização da aldeia. Os Munduruku do Planalto Santareno vivem diferente dos Munduruku do Município de Belterra.

No entanto, somos todos parentes, iguais, pois somos Filhos da mesma Mãe Terra e de um só Deus que é nosso Pai e Mãe. Por isso, quando é para irmos para a luta vamos todos juntos como se fôssemos um único povo.

Essa união dos indígenas no baixo Tapajós fez com que os professores indígenas também se organizassem mais. À medida em que os cursos foram acontecendo, algumas decisões foram deliberadas.

Com base na reunião realizada no dia 29/07/2015, o alfabeto do nheengatu utilizado nas escolas indígenas será assim:

Como no livro "Noções de língua geral", do Pe. Afonso Casasnovas, temos as seguintes vogais:

a (ex. ara)
e (ex. eré)
i (ex. iwí)
u (ex. umbuesara)
ã (ex. tupã)
ẽ (ex. ẽẽ)
ĩ (ex. tiĩ)
ũ (ex. mukũi)
Consoantes:
w (ex. wirá)
y (ex. yasí)

b (ex. buya)
p (ex. putira)
m (ex. mirá)
n (ex. nheengatu)
d (ex. daridarí)
t (ex. tatá)
g (ex. gapenú)
k (ex. kaá)
r, (ex. ramunha)
s (ex. sapukáya)
x (ex. xibé)

Mais esses encontros de consoantes:

nh (ex: nheengatu)
mb (ex: umbuesara)
mp (ex: pwampu)
nd (ex: rendáwa)

ng (ex: nheengatu)
nt (ex: aintá)
kw (ex: kwara).

E as letras menos usadas:

f	j	l	z
(fayú)	(jí)	(lapíri)	(zagaya)

Recomendamos esta sequência para a alfabetização em nheengatu!

KWÁ YUPIRUNGÁWAITA UMBEUMBEUSÁWA MAYÉ YANÉ ARÍAITA TÁ UMBEÚ

Se aría umbeú kwayé: "Yupirungáwa ramé, murariwára ikewara, tá makuitá. Aintá upuraki, asuí uyumitima iké. Aité uyukwá waá maniaka irũmu iké. Kuxima ramé, kwá ji itá suiwara. Aité uyupirú waá umunhã yapepuitá asuí yapunaitá tuyúka suiwara. Aintá umunhã arguidaraitá turusú, yaseruka waá "yasáwa". Tá urikú kwera mirapara, uyura yuíri. Kara Preta, asuí amu makuitá umurári iké."

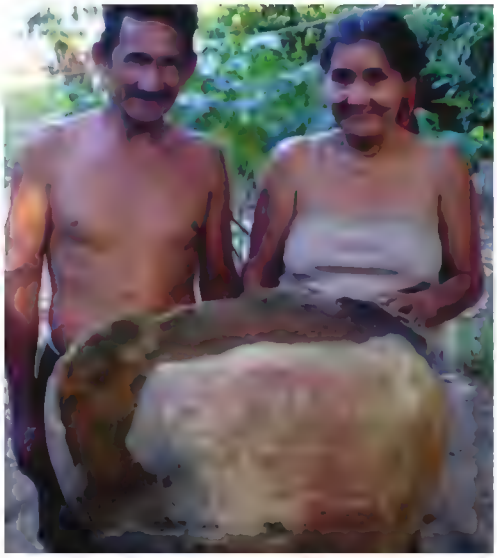
Nhaã tetama upé, Tapajós tipíma, uviveri síia mira, amurupi mirasaita. Aikwé Arapium, Kumarú, Gurupa, Jaguaim, Mundurukú, Maytapú, Borari, Tupinambá, Tapakorá, Karari, Jakaré-tapiá, Kuarirana, Sapopé, Warápiranga, Apanauria, Motuari, síia amuita yuíri.

Yané ariaitá tá umbeú waá kuxima ramé miraitá uviveri puranga, tá umbaú puranga yuíri. Aintá ukamundú, tá upinaitika yuíri. Aintá uyutima maniaka, kará, pakúwa, awati yuíri. Asuí, tá upisika íwa kaapura, mayé uxi, pikiáa, wasaí, wakaba, etc. Aintá umunhã tekó rikuyaraitá, yaserukarẽ "putáwa".

Kupixáwa upé, tá upuraki umuatíri waá puxirũ rupi. Aintá umunhã síia murasi yuíri.

Kwá tetama urikú waá síia mirasá píri nhaã rangáwa ramé Tapajó rendáwa, mamé uyí uikú Santarém. Mairamé yepesáwa kariwaita tá usasá mimi rupi, 1500 ramé, aintá uwasému síia makú, ape tá umusikié, asuí tá uyana mirasá Tapajó suí.

Ariré usika kariwaitá, paí yuíri, asuí umuyeréu páwa. Ma yané ariaitá tá umaramunha retana tá rendáwa rupi. Aresé aintá, yamukutúrurẽ yané kwasáwa kuximawara. Yané ariaitá, sapuitá. Yandé, kwaita sakangaitá.



Sr. Roselino Freire e sua esposa D. Luzia Colares, encontraram essa bacia de barro perto de sua casa, em Pinhel.

1 A HISTÓRIA DOS COMEÇOS COMO NOSSOS AVÓS NOS CONTARAM

Minha avó contava assim: "No começo, os viventes daqui eram os índios. Eles trabalhavam e cultivam aqui. Foram eles que apareceram com a maniva aqui. O machado era de pedra. Eles que começaram a fazer as panelas e fornos de barro. Faziam grandes bacias que a gente chamava de igaçabas. Tinham arco e a flecha. Os Cara Preta e outros índios moravam aqui"

Nesta região do Baixo rio Tapajós viviam muitos e diferentes povos. Tinha Arapium, Cumaru, Gurupa, Jaguaim, Munduruku, Maytapu, Borary, Tupinambá, Tapacorá, Carary, Jacaré-tapiá, Cuarirana, Sapopé, Uará-piranga, Apanauria, Motuary e muitos outros.

Nossos avós contavam que naquele tempo as pessoas viviam e comiam muito bem. Caçavam e pescavam. Eles plantavam mandioca, cará, banana e milho. E pegavam as frutas da mata, como uxi, piquiá, açaí, bacaba, etc. Eles faziam trocas rituais entre eles, que ainda hoje chamamos putáua.

Nas roças, trabalhavam todos juntos em puxirum. Nossos antepassados gostavam de estar sempre juntos. Faziam muitas festas também.

O lugar que tinha mais gente daquele tempo era a aldeia do povo Tapajó, onde hoje está Santarém. Quando os primeiros brancos passaram por lá no século XVI encontraram tantos indígenas que se assustaram, e fugiram dos Tapajó.

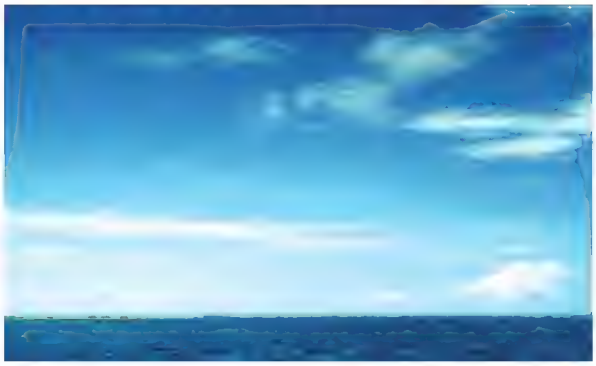
Depois chegaram os colonizadores e os padres, e tudo se transformou. Mas nossos avós lutaram muito por seu território. Por isso, ainda estamos aqui. Esse é o nosso lugar, onde estão enterrados os nossos avós. Por causa deles ainda mantemos os nossos conhecimentos tradicionais. Nossos avós são as raízes, e nós somos os galhos.

Em nheengatu, temos uma marca presente em muitas palavras do nosso cotidiano:

Tapajowara	referente ao povo Tapajó, ou ao rio Tapajós
Kumaruwara	referente ao povo Cumaru ou Cumaruara ou ainda à árvore Cumaru
Cultura Marajoara	referente aos povos Marajó
Xinguara	nome de município paraense, referente ao rio Xingu
Manauara	quem nasce em Manaus, referente também ao povo Manao

-ara, ou -wara significa origem.

Por isso, o nome desse livro é **Nheengatu Tapajowara**: o nheengatu que é dos **rios Arapiuns e Tapajós.**



2 KWÁ KABANAGEM UYUPIRÚ IKÉ!

Yandé yamungitá umbeumbeusáwa, paperaitá resé, kwá Kabanagem maramunha uyupirú waá Belém upé, janeiro ramé, 1985 akayú. Kwá makuitá, tapayunaitá umupirasuwa waá, tá umaramunhã maãsiaraitá nhaã rangáwa ruaxara, umuaíwa waá umupurará waá yané miraitá supé. Ma, maã yasendú makúita paranã Tapajós suiwara, asuí paranã Arapiuns suiwara, úri waá kabanuitá umaramunha waá tá rendawa rupi: Kwá kabanagem uyupirú iké!

Kwá maramunha uyupirú pupesáwa upé, asuí uyusaẽ té Belém kiti. Síia maramunha uyumuatiriã, uyukiriari, asuí, rundé kiti, umunhã waá kwá kabanu mukáwa rukaita: Pinhél upé, Vila Franka upé, Alter do Chão upé, asuí Kuipiranga.

Kuipiranga yepé tetama mame yamaã puranga paranã Amazonas, asuí paranã Tapajós, yané kuximawara useruka waá paranã pixuna.

Maresé, mimi usú yepé tetama kabanuitá ikewara uyumuatiri arã. Yané ariaitá, makuitá síia mirasá suí, usú mikiti, uyumukatúru arã maramunha supé. Mimisuí, tá usému umaramunha ruayanaitá.

Mimi suí tá usému uajudári arã makúita umurári waá Santarém upé, asuí aintá upisika tawawasú, ara 16 Março ramé, 1836 akayú.

Nhaã maramunhasáwa aikwé kwera kwá tetamaitá uxári síia manusaraitá, asuí síia tuí upurigáya waá. Pinheu, Vila Franka, Kuipiranga, amu tetamaitá yuíri urikurẽ pipuraitá nhaã rangáwa.

Nhaã manusaraitá kãweraitá uyumunáni seramika pipuraitá irumu, iwí pixuna upé.

Srª Rosilda Branches, que se lembra dos seus antepassados da Cabanagem.

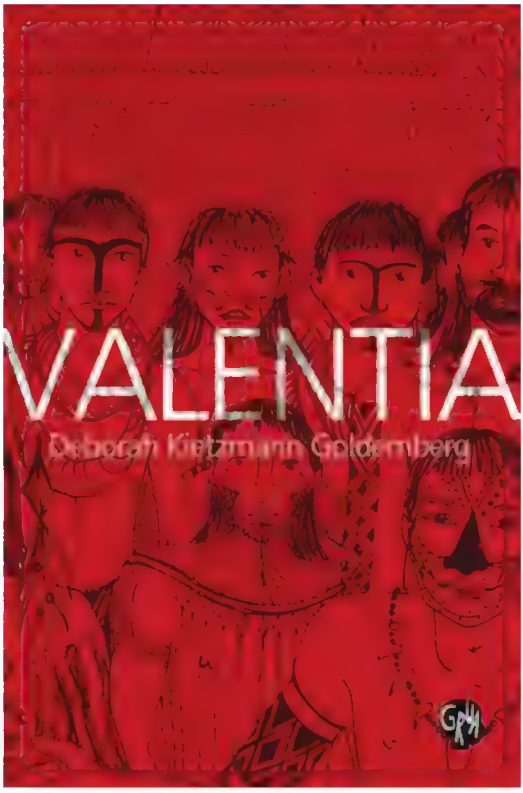
Kwá kuipiranga iwikui upitá piranga ariré Kabanagem. Yané ariaitá unheẽ paá úri waá awá umanú waá mimi.

Kwá umbeumbeusawaita usasá waá mukiriarisawaitá rupi, maã 200 akayú nhúntu. Yané aríaita upurai upurungitá yumimisáwa rupi, u upitá ikúntu. Ma, uyí ara aintá upurungitá píri, umukatúru arã kwá manduarisáwa awá umaramunha suí. Sesewara, yandé yaviverirẽ uyí yané iwí upé.

Nhansé yandé makúita paranã Tapajós, paranã Arapiuns yuíri, yamaramunha yané tetama demarkasãu rupi. Yandé makúita kabanu mimbira. Yandé kabanuita kuiriwara.

Aikwé yepé kariwa uwatawatá Santarém rupi, Kabanagem ramé. Aé Hartt. Aé úri 1872 ramé. Aé urikú yepé papera: "Notas sobre a língua geral ou tupi moderno da Amazônia"

Aikwé yepé papera pisasú yuíri, useruka waá "Valentia". Kwá papera unheẽ yuíri Kuipiranga resewara. Unheẽ kwayé:



"Iké, maramunhasáwa renundé, kuí kwá iwikuí suí panhẽ murutinga. Iké ti useruka Kuipiranga, iwí piranga waá makúita nheenga rupi. Iké Cuieira do Sul kwera, urikuã waá tenhẽ síia kuya. Ariré maramunhasáwa, nhansé tá upurigáya síia tuí kwá iwikuitá upé, upitá waá kwayé, kuí piranga irũmu, ape umuyeréu kwá tetama rera."

(p. 69)

2 A CABANAGEM COMEÇOU AQUI!

A gente lê nos livros de história, que a guerra da Cabanagem iniciou em Belém em janeiro de 1835. Foi a guerra dos indígenas, dos negros e dos empobrecidos contra os poderosos daquele tempo, que exploravam e causavam sofrimento ao nosso povo. Mas, o que a gente ouve dos indígenas nos rios Tapajós e Arapiuns, descendentes dos cabanos que lutaram pelo seu território, é: "A Cabanagem começou aqui!". Essa luta começou no interior, e se espalhou até chegar em Belém.

Várias lutas se juntaram, foram crescendo, e mais na frente, criaram os quartéis-generais dos cabanos, que eram Pinhel, Vila Franca, Alter do Chão e Cuipiranga. Cuipiranga é um lugar que tem uma privilegiada visão do rio Amazonas e do rio Tapajós, que nossos antepassados chamavam "rio preto". Por isso ali foi o lugar de reunião de cabanos daqui. Nossos avós, índios de vários povos, foram para lá, treinar para a guerra, e de lá saíam para combater os inimigos. Foi e lá que saíram para apoiar os indígenas que moravam no bairro da Aldeia em Santarém, e tomaram a cidade no dia 16 de março de 1836.

As batalhas que aconteceram nesses lugares deixaram muitos mortos e muito sangue foi derramado. Pinhel, Vila Franca e Cuipiranga e outros lugares ainda têm as marcas daquele tempo. Os ossos daqueles mortos se misturam com os restos de cerâmica na terra preta. A areia de Cuipiranga ficou avermelhada após a Cabanagem. Nossos avós disseram que veio do sangue dos que morreram ali.

Essas histórias foram passadas de geração por geração por quase 200 anos. Nossos avós precisaram falar escondido, ou ficar calados. Mas, hoje eles falam mais, para guardar a memória dos que lutaram. Por causa deles, nós ainda hoje vivemos na nossa terra. Porque ainda hoje nós, indígenas do rio Tapajós e Arapiuns, lutamos pela demarcação dos nossos territórios.

Nós somos os filhos dos índios cabanos. Nós somos os cabanos de hoje.

Um branco viajou por Santarém durante a Cabanagem. Ele era Charles Hartt. Ele veio em 1872. Ele escreveu o livro:

"**Notas sobre a lÍngua geral ou tupi moderno da Amazônia**".

Existe, também, um livro novo chamado "Valentia". Esse livro também fala sobre Cuipiranga. Diz assim:

"Aqui, antes da guerra, a areia da praia era toda branca. Aqui não chamava Cuipiranga, que é terra vermelha na língua indígena. Aqui era Cuieira do Sul, que tinha muitas cuias. Depois da guerra, porque eles derramaram muito sangue nessas praias, que ficou assim, com a areia vermelha, dai mudou o nome do lugar."

PURANDUSAWAITÁ

1. Segundo o texto, quem participou da Cabanagem?

2. Pergunte para seus parentes mais velhos sobre o que foi a Cabanagem.

3. O que aconteceu em Cuipiranga, Pinhel e Vila Franca? Pergunte também para os mais velhos para responder essa pergunta.

4. Você conhece as cerâmicas de terra preta? Procure saber no seu bairro, comunidade ou aldeia, se existem restos desses materiais.

5. Depois dessas pesquisas, pense e escreva por que é importante saber o que foi a Cabanagem.

REMAÃ KATU!

Para contar histórias e explicar as coisas em nheengatu, algumas palavras são muito usadas:

"ASUÍ aintá upisika tawawasú, ara 16 Março ramé, 1836 akayú."

"nhansé tá upurigáya siya tuí kuá iwikuitá upé, upitá waá kwayé, kuí piranga irũmu, APÉ umuyeréu kuá tetama rera."

"AIKWÉ yepé papera pisasú yuíri, useruka waá "Valentia".

DEPOIS eles tomaram a cidade no dia 16 de Março, em 1836.

Porque eles derramaram muito sangue nessas praias, que ficou assim, com a areia vermelha, DAÍ mudou o nome do lugar.

HÁ também um livro novo, que se chama "Valentia".

NHEENGARISÁWA

Vimos que muitos povos participaram da Cabanagem. Agora, vamos ouvir a música "Yandé siía mira", feita pelo aluno e professor, Cauã Borari:

Nós viemos do céu
cantar para o vento
nós viemos do meio da água
cantar para o rio
Debaixo da terra nós viemos
Cantamos para o espírito dos
nossos antepassados
Viemos da floresta
Nós cantamos para os frutos
das plantas
Somos do rio
E vivemos pelos rios
Nós somos do céu
E voamos com as estrelas
Nós somos muita gente
Nós somos muitos povos
Nós somos muitos e
verdadeiros

Iwaká suí yandé yayúriã
yanheengári iwitú arã
Yandé yaiuriã ií pitérupi suí
yanheengári paranã supé
Iwí wírpe suí yandé yayúriã
Yanheengári yané aría natá arã
Yandé yayuriã kaaeté suí
Yanheengári iwaitá supé
Yandé paranãwara
Yasikwé paranaitá rupi
Yandé iwákawara
Yawewé yasitataitá irũ
Yandé síia mira
Yandé síia miraitá
Yandé síia mira reté

3 YASUÃ YAMUNHÃ PIRAKAYA?

Yepesáwa, yapurandu imutara tupã supe, asuí angawara iwí supé.
Yandé yasú yamunhã pirakaya Cuipiranga (u kuipiranga) upé.
Yasú yambaú síia pirá sé retana uwí irũ.
Yasú yambaú pirakaya arã, yagustari muíri pirá nungara, mayé tukunarewasú, tukunaré pinima, tukunaré pixuna, akarí, jarakí, xaperema, apapá, kará pixuna, kará puku, arakú, bararuá, karatinga.
Yambaú piraitá síia kinha nungara irũmu.
Yaú xibé puranga. Asuí, yaú tarubá yambaú puranga ramé.
Ape, yasú yanheengári mukũi nheengarisáwa:

TARUBÁ (IMPROVISADA)

Ixé asú arã kupixáwa
arasú kiseasú arã maniaka
Yandé yamunhã tarubá
Tarubá Puranga
Tarubá retana
Maria Sílvia uú tarubá
Florêncio uú tarubá
Antônio uú taruba
Makarau uú tarubá
Mayke uú tarubá
yandé yasú ú tarubá
Tarubá Puranga
Tarubá retana

XIBÉ PURANGA

Xibé puranga
Puranga retana
Yaputari muíri ara
Yaú xibé puranga
Yasuã yapinaitika apekatu
Usenũi ixé aú arama xibé

REMAÃ KATU!

Remaã katu yawira irũmu, reyuiké ramé paranã upe. Remaã katu defesu irũmu. Remaã katu tukupi irũmu, darapi resé.

PURANDUSAWAITÁ:

1. Muíri pirá rekwá?
2. Mamé taá yambaú pirakaya?
3. Muíri anama umunhã pirakaya?
4. Mairamé aikwé defesu?
5. Muíri sangáwa uyumupukú pirakaya?

Asuí, yasú yamunhã mujika siya pirá nungara suiwara. Yaparawáka piraitá urikú waá kãwera xinga, mayé tukunaré u tambaki. Xukui yepé Mujika timbiú:

MUJIKA TIMBIÚ:

Ariré umixíri
piraitá,
asuí uyúka pirá kãwera.
Remuyayúka yepé
yapepú upé, yepé
litru ií suiwara.
Rembúri pitera
iwaseẽwasú munuka
waá
Yepé sakwena suikíri
supeka umunuka waá
Pu xikoria kaáitá

Pu favaka kaáitá
Mukũi iwásema ranha
Yukira, urukum,
kinha asuí kuminhu
umukuí waá pitigáwa
yawé.
Rembúri panhẽ
seengá yapepú upé ií
irũmu,
yumuapika uí xinga
kuaírantu,
Té umupuasú

Rexári upupúri
mukũi
pu sangáwa mirĩ, ape
uikú kuri
puranga umbaú arã.
Mayé panhẽ puranga
pirakaya, ti upuderi
uxari uwatari
nheengarisawaitá,
mayé nhaã tarubá
resewara!

PURANDUSAWAITÁ:

- Indé rekwá será amu timbiuitá?
- Ape, remupinima ne timbiuitá! Reyumbué yuíri yepé timbiu amu mirasáita irũmu!

3 VAMOS FAZER PIRACAIA?

Primeiro, pedimos licenca para Deus, e para os encantados da terra. Vamos fazer Piracaia em Cuipiranga. Vamos comer muitos peixes, muito gostosos, com farinha. Para comer Piracaia, gostamos de muitos peixes, como tucunareasú, tucunaré pinima, tucunaré pixuna, acari, jaraqui, xaperema, apapá, carápixuna, carápucu, aracú, bararuá, caratinga, etc. Vamos comer peixes com muitos tipos de pimentas. Vamos beber um bom xibe. Depois, bebemos tarubá, quando já comemos bem. Então, cantamos duas músicas:

MÚSICA DO TARUBÁ

(Elísia Amana)

Eu vou na roça
Levarei o terçado para tirar a mandioca
Para fazer o tarubá
Tarubá é bom
Tarubá é muito bom
Maria Sílvia vai beber o tarubá
Florêncio vai beber o tarubá
Antônio vai beber o tarubá
Macarrão vai beber o tarubá
Mayke vai beber o tarubá
Vamos beber o tarubá
Tarubá é bom
Tarubá é muito bom

CHIBÉ É BOM

Chibé é bom
É muito bom
Queremos cada dia
Beber o bom chibé.
Fomos pescar longe
Me chamaram para tomar chibé.

ATENÇÃO!

Tome cuidado com a arraia, que entra no rio. Tome cuidado com o defeso. Tome cuidado com o tucupi, que está no prato. Quanto tempo dura a Piracaia? De algumas horas até um dia.

PERGUNTAS:

1. Quantos peixes você conhece?
2. Onde comemos Piracaia?
3. Quantas famílias fazem Piracaia?
4. Quando ocorre o defeso?
5. Quanto tempo dura uma Piracaia?

Depois, vamos fazer mujica de muitos tipos de peixe. Escolhemos peixes que têm pouco osso, como tucunaré ou tambaqui. Aí está uma receita de mujica:

RECEITA DE MUJICA:

Após assar os peixes e tirar as espinhas.
Separe em uma panela 1litro de água.
Acrescente ½ cebola picada
1 maço de cheiro verde picado
5 folhas de chicória
5 folhas de alfavaca
2 dentes de alho
Sal, coloral, pimenta e cominho moído a gosto

Acrescente todos os temperos na panela com água, colocando a farinha aos poucos, mexendo até engrossar.
Deixe ferver por cerca de 25 minutos e estará pronto para servir.
Como toda boa piracaia não podemos deixar faltar música, como aquela sobre o tarubá!

PERGUNTAS:

Você conhece outras receitas?
Então, escreva a sua receita!
Aprenda também uma receita com outros povos!

REMAÃ KATU!

Em nheengatu nós conjugamos os verbos assim:

Ixé	AMUNHÃ	pirakaya	Eu faço piracaia
Indé	REMUNHÃ	pirakaya	Você faz piracaia
Aé	UMUNHÃ	pirakaya	Ele/Ela faz piracaia
Yandé	YAMUNHÃ	pirakaya	Nós fazemos piracaia
Penhẽ	PEMUNHÃ	pirakaya	Vocês fazem piracaia
Tá	UMUNHÃ	pirakaya	Eles/Elas fazem piracaia

Como você deve ter percebido, em nheengatu a ordem das palavras muitas vezes se inverte. Dizemos, então:

kabanagem umbeumbeusáwa	história da cabanagem
tarubá nheengarisáwa	música do tarubá
mujika timbiú	receita de mujica

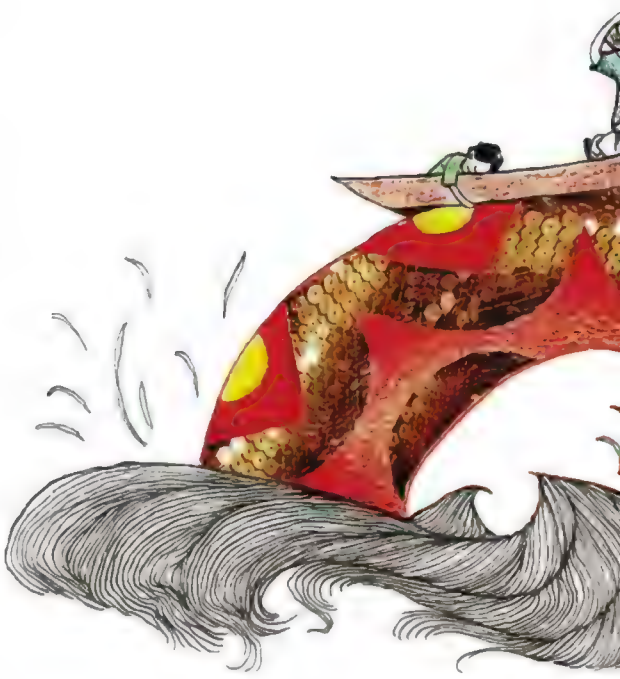
4
BUYAWASÚ

TETAMA BUYAWASÚ

Kwá tetama, paá, urikú kwá rera payé Merandulinu resewara, umurári waá Beijuasú (u Meyuwasú) upé. Meyuwasú upitá toronó rakapira upé. Mairamé Merandulinu uwatawatá, paá, Santarém kiti, aé uwitá paranã tipi rupi. Ape, aé umuyeréu buyawasú rupi. Amuramé, aé umuyeréu rupitá rupi. Sesewara, aé uwatawatá kutara retana. Mairamé miraitá umaã yepé marula paranã upé, tá unheẽ paá: Merandulinu usasá paranã rupi, u aé uikú usasá paranã rupi.

Aé upeyú, umukatúru miraitá yuíri. Aé umukatúru ramé yepé mira, nhaã mira uwapika yepé wapikasáwa upé Merandulino yara. Aé urikuã musapíri wapikasáwa. Nhaã wapi-kasáwarana: yepé buyawasú, amu yakaré, amu buya. Merandulinu nhúntu umaã i wapikasawaitá wapikasawárana. Merandulino urikú mukũi rimirikú: meróka, upitá waá iwí upé, asuí Marta, upitá waá paranã tipi.

Merandulinu urikú yepé kiwira munaxi, i piaíwa. Panhẽ katusáwa Merandulinu umunhã waá, aé umbuimbuipáu. Yepé viaji, paá, yepé igara upipika, asuí i kiwira umbaú yepé mira. Ariré, Merandulinu umukwara i kiwira sesá, asuí aé umuyexirũ i kiwira akanga iwí upé.



Yepé viaji, paá, Merandulinu úri paranã tipi upé, asuí aé unheẽ Maroka supé ti umaramunha i mimbira irũmu, ti upitá nharu yuíri. Ape, Maroka usú Merandulinu, asuí Marta kasakiri, té paranã rimbiwa, umaã arã mamé tá úri. Maroka usika ramé, aé usapumi ramé, tá uyukanhemu.

Merandulinu umanú renundé, aé unheẽ: mairamé ixé amanú, te peyutima ixé. Pexári ixé paranã upé, nhansé se anga umurári kuri mimi. Ma, ne awá uruyuári Merandulinu. Tá umbúri aé witika kwara, asuí tá uyutima aé. Ariré, yepé amanawasú uwári, síia werá irũmu asuí síia tupã weráwa irũmu. Kwema ramé, miraitá usú umaã arã Merandulinu, nhansé tá ti uruyuariíma aé resé. Tá usika ramé, aikwé yepé kwara i tumulu upé, asuí aikwé yepé pipúra iwí upé, té paranã kiti. Merandulinu umuyereuã buyawasú rupi. Kuiri, aé umurári paranã upé. Aé tipiwara.

PURANDUSAWAITÁ

Resuaxara mbeumbeusáwa rupi:

1. Marantaá kwá tetama rera yaseruka Cobra Grande?

2. Maã taá rupi payé Merandulinu umuyeréu? Mayé aé uwatawatá?

3. Maã taá aé upurandu miraitá umunhã aé umanu ramé? Maã taá usasá ariré?

4. Indé rekwá será amu mbeumbeusáwa upurungitá waá amu tetama rera?

5. Remukwatiara iké kwatiaraitá ne mira, amu mira yuíri, u amu kwatiara indé rekwá waá.

MERANDOLINO BUYAWASÚ

Murariwara kuximawara píri paranã Arapiuns suiwara, tá unheẽ, paá, Merandulinu yepé apigáwa yandé yepeasú, ma aé urikuã i yumimisawaitá, mayé maã aé umuyeréu buyawasú.

Yepé ara ramé, Merandulinu rimirikú usému suka suí uwaté arã xinga. Asuí, aé uyeyuíri, asuí aé umaã suka umusikindáwa waá. Ariré, aé usú uyuiké itapewaitá rupi. Ape, umaã Merandulinu umuyereuã Buyawasú rupi.

Merandulinu iwí angawara, asuí toronó murariwara. Nhaã murariwara tendawaitá ruaki unheẽ, paá, yasika ramé kwá toronó upé, yandé upuraĩ upurandu imutara Merandulinu supé, yapuderi yapitá mikiti. Ma, yandé yapuraĩ yamaã katu tiarama umuaíwa kwá tetama.

(Awá umupinima waá: Maria Luciléia Tapajós - Tendáwa Arimum)

PURANDUSAWAITÁ

Kwá nheenputira rupi, resuaxara:

- Maã taá marandúa rera?
- Indé arã, aikwé iwi angawara? Remeẽ mayé maã.
- Maã taá usawaitá tá uusari puxirũ upé?
- Pesikári remupinima marandúa mayé remungitá waá.

NHEENPUTIRA

Paranã Tapajós upé
Katú usikwé arã
Aikwé síia piraitá paranã upé
suúita rembaú arã.

Aikwé paka, tatú, suasú
akutí, yautí,
tukunaré, pakú,
ayuíra sé yarakí.

Sangawasú arapiuns suí
puranga asuí purangasawaeté
iwikuitá puranga Aminã suí
Asuí puranga kaxuweraitá Maró asuí
Aruã

Kwema ramé
Asú kupixáwa kiti, apuraki arã
Arasú se mirapara uyura yuíri
kaxirí asuí tarubá irũ

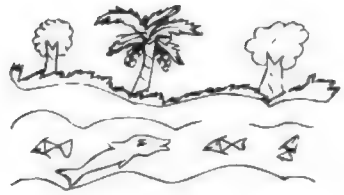
Asika ramé se ruka upé
Asú garapá garapé kiti
Arasú uí aú arã se xibé, kuya upé.

Wiraitá, piraitá, suuitá
kaá suikiri, yutimasáwa yuíri
umukatúru síia murisáwa irũ
ti arã upitá yumimisáwa upé

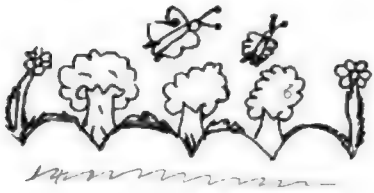
yasika té iké arã
yasú síia dedikasãu irũ
ti uresarái kitiwara suí
tenhẽ umukameẽ kwasawaita
kuximawara.

PURAKISÁWA

Kwá nheenputira rupi, remuatiri, puranga yawé

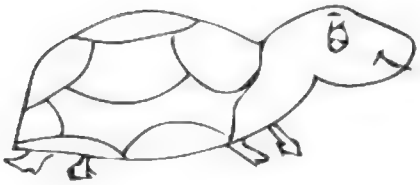


PIRÁ

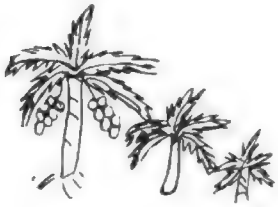


MANIAKA

YAUTÍ



MIRÁITÁ



PARANÃ

MITIMA

KURUMĨ TAPAYÚNA MARANDÚA

Yepé ara ramé, aikwé yepé puxirũ yepé tendáwa upé, sera waá Colônia do Garuá.

Miraitá tá uyumuatíri, asuí tá usuã tá upuraki. Tá uyúri ramé, irũndi sangáwa, karuka ramé, tá unheengariã, tá upurasiã, tá uuã kaxirí. Puyepé pitera sangáwa. Pituna ramé, tá uwiyé pu kunhãitá tá uyasuka arã garapé upé. Mairamé tá uwiyé, tá umaã yepé kurumĩ uwapika waá muyasuka munhamundéu yasapáwa upé.

Ape, aintá upitaã musikié waá retana. Mairamé tá uyana kwera tá umundú kwekatu arã amu miraitá supe, tá umaã sakakwera, ape nhaã kurumĩ uwári garapé upé. Tá uyana tá umaã arã, ma ti tá umaã ne maã. Ape, aintá upurungitá: "kwá kurumĩ kwá garapé yara." *(Umbeú waá kasiki rupi tendáwa yara, sera waá Francisco Carlos Gomes Sousa.)*

MEROKA

Miraitá umbeú síia marandúa Payé Merandolino resewara. Aé uwatá iwí rupi, paranã tipi rupi mirĩ. Aé uwatá igara rupi yepé, u, mukũi, u musapíri mira irũmu. Aé usika ramé torono upé, aé upurungitá:

"- Ixé asú apitá iké."

Ape, aé upúri ií upé, asuí aé urasú kwá watawatasáwa rundé kiti. Aresé, aintá usika ramé, Santarém upé, aé uikuã mimi, usarú waá.

Kwá yandé arama, tapuya waá, puranga marandúa. Maresé waá, yandé yameẽ sera kwá iwí, Tetama Buyawasú, uyupirú waá Ante Arara upé, té Arimum tendáwa Garimpo yuíri, té Ipáwa iwikuí, mamé umurári waá se anamaitá Jaraki, tendáwa Karusi ruakintu.

4 BUYAWASÚ

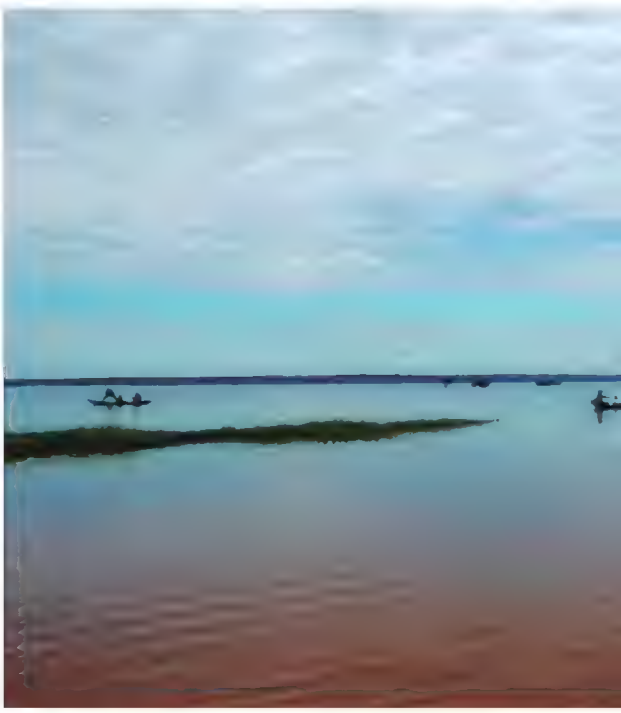
TERRITÓRIO COBRA GRANDE

Contam que esse território tem esse nome por causa do pajé Merandolino, que morava em beijuaçu, na ponta do toronó. Dizem que quando ele viajava para Santarém ele ia pelo fundo. Ele se transformava em cobra grande, às vezes em tronco e viajava muito rápido. Quando as pessoas viam uma marola no rio falavam: Merandolino passou ou está passando.

Ele curava e cuidava das pessoas. Quando ele atendia uma pessoa ela se sentava em uma das três cadeiras dele que não eram cadeiras, era uma cobra grande, um jacaré e uma jibóia e só ele via. Merandolino tinha duas esposas, uma na terra que se chamava Maroka e outra no fundo que se chamava Marta.

Merandolino tinha uma irmã gêmea malvada, toda bondade que ele fazia ela desfazia. Contam uma vez que afundou um barco e a irmã dele comeu uma pessoa. Merandolino furou o olho dela e enfiou a cabeça dela na terra.

Contam que uma vez ele ia para o fundo e falou para Maroka não brigar com os filhos e não ficar brava. Maroka seguiu Merandolino e Marta até a beira do rio para ver aonde eles iam.



Quando chegou lá ela piscou e os dois tinham desaparecido.

Antes de ele morrer ele disse: quando eu morrer não me enterrem, me deixem no rio porque meu espírito vai ficar morando lá. Mas ninguém acreditou nele. Colocaram ele no caixão e o enterraram. Depois uma tempestade muito grande caiu, com muitos raios e trovões. De manhã as pessoas foram ver Merandolino, pois não duvidavam completamente dele. Quando chegaram lá havia um buraco no túmulo dele e um rastro na terra até o rio.

Ele havia se ingerado em cobra grande e agora morava no rio. Ele é do fundo.

PERGUNTAS

De acordo com o texto responda:

1. Por que o lugar se chama Cobra Grande?
2. No que o pajé Merandolino se ingerava? Como ele viajava?
3. O que ele pediu para que as pessoas fizessem quando ele morresse? O que aconteceu depois?
4. Você conhece alguma outra história que explique o nome de algum outro lugar?
5. Desenhe pinturas de seu e de outros povos ou outras que você conheça.

MERANDOLINO COBRA GRANDE

Contam os moradores mais antigos do rio Arapiuns que Merandolino era um homem igual a cada um de nós, mas tinha os seus segredos pessoais. Um deles era o de se ingerar em cobra grande.

Num certo dia, a mulher de Merandolino saiu de sua casa para dar uma volta, alguns minutos depois ela retornou e avistou a casa fechada e resolveu entrar pelos aparos das tábuas. Descobriu que seu marido havia se transformado em cobra grande.

Merandolino está encantado e é morador da ponta do toronó. Contam os moradores das aldeias mais próximas que ao chegar nesse local temos que pedir permissão a ele para que possamos ficar lá, mas devemos ter o máximo cuidado para não abusarmos daquele território.

(Autora: Maria Luciléia Tapajós - Povo Arapium)

PERGUNTAS

De acordo com a história responda:

- Qual o título do texto?
- Na sua opinião existem seres encantados? Dê exemplos.
- Quais as bebidas usadas no puxirũm?
- Pesquise e escreva um texto como o que você leu.

POEMA

No rio Tapajós
É bom de viver
Tem muitos peixes nos rios
E animais pra comer.

Tem paca, tatu, veado,
Cutia e jabuti,
Tucunaré, pacu,
Arraia e o gostoso jaraqui.

As paisagens do Arapiuns
São lindas e maravilhosas
As lindas praias do Aminã
E as belas cachoeiras, Maró e Aruã.

De manhã cedo
Vou pra roça trabalhar
Levo meu arco e flecha
Com caxiri e tarubá.

Quando eu chego em casa
Vou pra beira do igarapé
Levo farinha na cuia
Pra tomar o meu
xibé.

Aves, animais e peixes,
Mata verde e plantação,
Cuidar com muito carinho,
Para não ficarem em extinção.

Para chegarmos até aqui,
Foi com muita dedicação,
Não esquecendo da cultura,
Sempre mostrando a tradição.

O MENINO PRETINHO

Certo dia aconteceu um puxirũm num lugar chamado Colônia do Garcia. O povo se reuniu e foi trabalhar. Ao retornar às quatro horas da tarde, eles cantavam, dançavam e tomavam caxiri.

Às seis e meia da noite baixaram cinco mulheres para tomar banho no igarapé, quando elas baixaram enxergaram um menino sentado em cima da ponte de lavar roupa. Elas ficaram muito assustadas. Quando iam correr para avisar outras pessoas olharam para trás, o menino caiu dentro do igarapé. Correram para ver e não acharam ninguém, elas disseram:

"esse menino e o dono do igarapé."

(Contada pelo Cacique da aldeia senhor Francisco Carlos Gomes Souza.)

MEROCA

O pajé Merandolino, contavam muitas histórias dele. Ele andava por terra e um pouco pelo fundo. Ele andava de canoa com uma, duas ou três pessoas. Quando chegava no toronõ ele dizia: "eu vou ficar aqui." Se jogava na água e eles continuavam a viagem. Por isso, quando chegavam em Santarém, lá ele estava esperando.

Por isso, nós, indígenas achamos bonita a história e por isso que demos nome da terra de território cobra grande, que começa no ante arara até a aldeia de arimum, aldeia de garimpo e também lago da praia onde moram os parentes jaraqui bem pertinho da aldeia de carucí.

REMAÃ KATU!

Aqui podemos aprender outras palavras importantes para contar histórias em nheengatu:

"Kwá Buyawasú tetama urikú kwá rera, **PAÁ**, payé Merandolino resewara."

CONTAM QUE esse território tem esse nome por causa do pajé Merandolino

"**KUXIMA RAMÉ**, aikwé mukũi apigáwa, Merandolino, asuí Meroka."

ANTIGAMENTE, havia dois homens, Merandolino e Meroca.

YUPIRUNGÁWA RAMÉ, miraitá useruka kwá tetama "Buyawasú".

NO COMEÇO, as pessoas chamavam esse lugar de "Cobra Grande".

Como a ordem das palavras em nheengatu é diferente da língua portuguesa, algumas palavrinhas vão para o fim da frase:

Merandolino usému toronó rakapira **SUÍ**, asuí aé usú Santarém **KITI**.

Merandolino saía **DA** ponta do tororó e ia **PARA** Santarém.

SUÍ se refere à origem de alguma pessoa ou de alguma coisa que se movimenta.

KITI se refere ao destino de alguém ou de algo que está se movendo.